

Histórias e Memórias em São Paulo: A Vila Carrão enquanto território cultural e de múltiplas identidades

Elis Regina Barbosa Angelo¹

1. As interlocuções entre histórias comuns, memórias e formações espaciais

Quando abordada a construção do bairro em conjunto com a formação da cidade, especialmente na década de 1950, momento em que os açorianos já possuíam certa forma de organização de grupo para o trabalho nas fábricas, uma menção à época anterior a esse momento facilita a interpretação de lacunas sobre a rua, o bairro e a própria cidade, que acaba sendo palco de múltiplas e peculiares formações, singulares, mas generalizantes e, de algum modo, organizadas por grupos que dão aos espaços um foco direcionado de seus traços culturais.

Sendo a cidade de São Paulo uma das mais promissoras em termos de crescimento, com atenção à vinda das fábricas, indústrias e migrações de todo tipo, pode-se dizer que a formação da Vila Carrão, na Zona Leste da cidade, iniciou uma horizontalização com características de bairros industriais, nos quais se observam certas funcionalidades e formações peculiares.

Em alguns bairros como Santana, Tucuruvi, Tremembé e Vila Guilherme há um número expressivo de portugueses, inclusive vindos das Ilhas da Madeira e Açores. Na Zona Norte, os madeirenses convergiram principalmente para o Imirim e bairros próximos ao Horto Florestal, e na Zona Sul, para Santo Amaro. Os açorianos instalados na Zona Leste da cidade concentram-se principalmente na Vila Carrão. (FREITAS, 2006)

Nessa perspectiva da cidade, na qual a potencialidade da mão de obra era de suma relevância para o crescimento ora instalado, as imigrações e as migrações do país iniciaram a franca expansão. Os bairros ganhavam delineamentos específicos no que diz

¹ Doutora em História pela PUCSP. Graduada em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1997), mestre em Turismo Ambiental e Cultural Planejamento e Gestão pelo Centro Universitário Ibero Americano (2003) mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2005). Pesquisadora das áreas de História, Sociedade e Turismo. Professora Adjunta nos cursos de Bacharelado em Turismo da UFRRJ- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e na Licenciatura em Turismo no Consórcio CEDERJ/ EaD. contato: elis@familiaangelo.com

respeito às condições socioeconômicas e culturais dos grupos, que se incumbia de definir as formações que dariam posteriormente uma caracterização de suas peculiaridades tradicionais. Sobre o processo de construção da Zona Leste da cidade, pode-se dizer que a ocupação foi constituída ao longo da ferrovia, pois:

A Zona Leste foi ocupada a partir de uma constelação de núcleos que se espalhavam ao longo do antigo caminho que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro, através do Vale do Paraíba. Esse eixo foi reforçado com a implantação da antiga ferrovia Central do Brasil (São Paulo - Rio de Janeiro) no final do século XIX. Essa estruturação revela a posição dos que vivem fora da cidade, do "lado de lá" da várzea do Carmo e da ferrovia Santos-Jundiaí, ao longo da qual se implantou um cinturão de indústrias, definindo uma forte barreira entre a cidade das elites e a ocupação periférica, ao longo do século XX, por moradias de trabalhadores em loteamentos irregulares ou clandestinos, casas autoconstruídas e conjuntos habitacionais construídos pelo poder público. (ROLNIK, 2001: 44)

Quanto à formação dos bairros que se inscrevem atualmente na Zona Leste da cidade, as ruas, as extensas avenidas e o rumo que teriam os espaços horizontalizados foram formados a partir das chácaras. (MEYER, 1993:16)

As ruas e o padrão urbanístico desses novos espaços criados na região Leste tinham problemas oriundos da falta de recursos, pois ainda não estavam formalizados os loteamentos, e obviamente não contavam nem com infraestrutura básica – faltava água encanada, esgoto, iluminação pública e vias de acesso.

Aqui em São Paulo... Menina, quando eu cheguei aqui em SP eu vim pra Vila Carrão, me instalei, sempre morei na Vila Carrão, faz 50 e... Quer dizer agora em junho vai fazer 52 anos que eu tô aqui. A única estrada, única avenida asfaltada e era só um trechinho que vinha até aqui perto do cemitério, vinha lá do largo do Carrão e era a Avenida do Conselheiro Carrão. O resto era tudo terra... Era intransitável. Então vivia um lugarejo só de chácaras. Era só chácaras, chácara de um lado, chácara de outro. Vivíamos em função de uma fábrica chamada Guilherme Giorgi, entendeu? Então todo açoriano que vinha de lá, ele vinha pra trabalhar no Guilherme Giorgi. Na fábrica Guilherme Giorgi, entendeu? ²

Quando menciona o espaço onde vivia, o depoente rememora os lugares criados a partir das chácaras e a infraestrutura precária a que se submetiam os açorianos que vinham para o trabalho fabril. Cumpre notar que essas características observadas pelos

² Manoel de Medeiros fala de suas memórias da Vila Carrão quando chegou a São Paulo. Entrevista concedida em 03/06/2008, em sua indústria.

moradores da Vila estiveram condicionadas à política de zoneamento urbano, inscrita na lógica de funcionalidade da cidade.

A função desempenhada por cada padrão urbanístico desencadeava espaços construídos com finalidades específicas. A rua, por exemplo, tinha em seu bojo a criteriosa instalação conforme os interesses de modernização e rentabilidade econômica. (MEYER, 1993:16)

As vilas localizadas nas regiões Leste e Oeste da cidade, como é o caso da Vila Carrão, Brás, Mooca e Barra Funda, surgiram no âmbito do movimento de criação do bairro-casa-moradia. Assim, “a articulação trabalho-moradia promovida pelos industriais é extremamente relevante para entender o padrão urbanístico destes bairros populares” (MEYER, 1993:16).

Tudo começou em 1916, com a chegada dos primeiros imigrantes portugueses, italianos e japoneses a uma antiga fazenda de uva pertencente ao Conselheiro João José da Silva Carrão. Documentos oficiais consideram 1917 o ano de sua fundação, portanto, Vila Carrão completa neste mês de setembro 87 anos.³

Essa colocação sobre os primeiros imigrantes a virem para a região Leste nos remete a alguns elementos sobre a construção da rua, do bairro e do território⁴ que atualmente é conhecido por Vila Carrão, no qual as chácaras deram lugar às casas populares, que se inseriam na proposta casa-moradia-trabalho. Os primeiros imigrantes a virem para a região Leste remete a alguns elementos sobre a construção da rua, do bairro e do território que atualmente é conhecido por Vila Carrão, no qual as chácaras deram lugar às casas populares, que se inseriam nesta proposta.

Esse espaço particularmente novo e repleto de múltiplas faces acompanhava o crescimento da cidade de São Paulo, se inserindo no plano urbanístico que pretendia disponibilizar imóveis de preços baixos, delineando os espaços e suas respectivas funções econômicas. (BLAY, 1985: 29) E esse planejamento envolvendo algumas ruas

³ Revista In. *Era uma vez um bairro com muitas chácaras...* 22 de fevereiro de 2011. Disponível em: <http://www.revistainonline.com.br/exibe_historia_bairro.asp?texto=36&bairro=8>. Acesso em: 22/01/2010.

⁴ Território é aqui abordado enquanto espaço socialmente construído, no intuito de trazer uma visão específica dos traços culturais advindos de grupos imigrantistas. Rolnik, Raquel (1992). *História Urbana: História da Cidade?* In: FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio (Orgs.). *Cidade & História - modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, Salvador.

da Vila Carrão foi sendo configurado à medida que os imigrantes açorianos traziam seus compatriotas para o trabalho nas fábricas, juntamente com outros grupos imigrantistas, como os japoneses, que também têm presença expressiva entre os moradores do bairro.

Com a ampliação das fábricas e indústrias no bairro e em suas adjacências, a mão de obra imigrante era necessária para a ideia de desenvolvimento da metrópole. Ao se analisar a construção dinâmica da metrópole, especialmente dessa área da Zona Leste onde as vilas cresceram no entorno das fábricas e onde se estabeleceram vínculos com o trabalho, evidencia-se a relação dialética entre essa construção e os integrantes desse processo social.

Com as novas políticas de expansão, o setor industrial na cidade passou a abarcar os mais variados ramos. Além da indústria leve, caracterizada por fábricas de tecidos, produtos alimentícios e frigoríficos, nessa fase surgiram indústrias com atividades como montagem de automóveis e caminhões, fabricação de pneus, fabricação de produtos químicos, além da metalurgia leve vinculada à produção nacional da usina siderúrgica de Volta Redonda, entre outras empresas que despontaram na área de prestação de serviços. Com a crescente necessidade de ampliar as vias de acesso e as radiais, viu-se também o desenvolvimento do transporte rodoviário, em detrimento do ferroviário.

Nessa nova perspectiva, as características urbanísticas foram repensadas, com o objetivo maior de desafogar o trânsito e redefinir os aspectos do centro da cidade.

Nessa nova fase, um dos aspectos de maior relevância do Plano de Avenidas foi a sugestão das marginais Pinheiros e Tietê como terceiras perimetrais a circundar distantemente o centro. Em 1949, o prefeito Linneu Prestes convida uma equipe dirigida por Robert Moses, autoridade do planejamento da região metropolitana de Nova York, para preparar um “Programa de Melhoramentos Públicos para São Paulo”. Moses identifica o impacto da rede de rodovias estaduais que tinham São Paulo como centro regional, a partir disso, sugere que as marginais concebidas esquematicamente no plano de Maia, recebessem o tráfego das rodovias. Essas novas artérias passaram a comandar os fluxos de circulação da cidade propiciando a distribuição de investimentos. (BLAY, 1985: 29)

Nesse novo contexto, “quarteirões e bairros diferenciavam-se segundo a predominância das atividades ali estabelecidas; ruas, vilas e cortiços/malocas povoados por migrantes mostravam a latência de um espaço entre a casa e a rua [...]” (MATOS, 2001).

Nesses espaços de migrantes e imigrantes, nos quais se observavam “trocas permanentes, estabelecendo relações dinâmicas, criando laços de solidariedade e estratégias de sobrevivência” (MATOS, 2001), foram se formando verdadeiros territórios de faces visíveis, não ocultas nem sem identidades, mas com singularidades de cada grupo.

A rua é o meio-termo entre a casa, a sociabilidade, o trabalho, o comércio, a religião e as demais faces da organização socioespacial da vida cotidiana. A rua pode ser o primeiro passo para a compreensão da criação do espaço social, sendo considerada não apenas sob o aspecto do ir e vir, mas levando em conta também a condução de fatores intrínsecos ao seu posicionamento, à sua estrutura e configuração. Revela ainda premissas que levam a interesses de modernização, rentabilidade econômica de seus participantes, condução para outras vias, lugar de produção de algo, palco, cenário, entre outras conotações possíveis.

As ruas que identificam os açorianos fazem parte do seu território de tradições, ou seja, são as ruas em que trafegam as procissões, que levam à Casa dos Açores e que cortam a Conselheiro Carrão, uma das avenidas mais conhecidas do bairro. A Dentista Barreto, além de ser a rua da Casa dos Açores, é a rua pela qual transitam alguns elementos culturais dos açorianos, conhecida por rua das festas, das procissões e das quermesses. A rua era o centro de tudo. As pessoas promoviam festas, passeavam durante as noites de verão ou colocavam cadeiras na calçada para prolongadas conversas. O comércio também percorria os calçamentos de pedra. Vendedores iam de porta em porta anunciando as mercadorias: pizza em quantidade dentro dos latões, frango, verduras e doces. (SÃO PAULO 450 ANOS)

Essa menção à rua como espaço de múltiplas faces revela-a enquanto passível de olhares distintos. “A questão fundamental é entender o significado dos processos de territorialização na história e sua relação com o processo global de transformações que ocorrem na vida social, econômica e política dos grupos de forma geral.” (ROLNIK, 1992: 29) Destarte, o lugar traz em seu bojo inúmeras conotações, capazes de favorecer lembranças de crianças, jovens, adultos e velhos; nele a vida acontece e dele todos fazem parte enquanto sujeitos e atores sociais.

A respeito da construção das vilas que entremeiam a Zona Leste, pode-se dizer que dos Sítios Tucuri, Bom Retiro e Chácara Carrão se elevaram os bairros da Vila Carrão, Vila Nova Manchester, Vila Santa Isabel e Jardim Têxtil. Tais bairros foram

configurados a partir da criação das vilas operárias organizadas junto às fábricas e indústrias então posicionadas nesse espaço, com as peculiaridades de cada grupo imigrantista que ocupava as ruas e favorecia o aparecimento de traços de cada cultura dinamizada temporal e espacialmente.

Então o crescimento que eu percebi aqui é monstruoso, foi monstruoso o crescimento horizontal hoje, o próprio Tatuapé, ali Anália Franco tudo aquilo ali era só chácaras, era só mato... De uma hora pra outra está se fazendo uma malha vertical. É um absurdo o pessoal que mora. Hoje o luxo que nós temos no Tatuapé. Isso tende a crescer... Ali nós tínhamos campo de futebol, tínhamos um mundo de coisa ali dentro, tirávamos leite de vaca, vivendo na rua, isso tudo ali no Tatuapé. E hoje, hoje é uma barbaridade o progresso que essa região da Zona Leste, principalmente as outras regiões eu tive muito pouco acesso porque fiquei desse lado e depois acabei montando a empresa aqui desse lado mesmo e por aqui a gente não anda muito por São Paulo...⁵

No depoimento supracitado, o Senhor Manuel de Medeiros comenta como era o bairro Carrão e como foi sendo configurado o crescimento da cidade. Quando fala das chácaras e dos problemas de deslocamento ocorridos nas décadas de 1950 e 1960, evidencia a ausência de vias de transição nos bairros adjacentes e a forma estrutural daquele espaço no momento de sua chegada à cidade.

Esse processo de horizontalização mencionado seguia uma nova regulamentação que, impulsionada pela necessidade de reorganizar as vias de acesso e criar novos bairros fabris, alterava as disposições anteriores, que eram pautadas pelos modelos europeus de alinhamento das ruas e vilas.

As perimetrais construídas pelo “Plano Avenidas” eram consideradas propostas que mudariam o sistema viário da cidade. A Radial Leste, que marcou o início de uma nova organização rodoviária expressa, foi nomeadamente pensada em período anterior, pela recomendação de Robert Moses⁶, que estudou a questão das melhorias na cidade de São Paulo, ampliando o conceito de metrópole. “O exemplo mais completo é sem dúvida a ligação leste-oeste da cidade, procurada por Prestes Maia desde os anos 30 e

⁵ Manuel de Medeiros nasceu em 12 de novembro de 1941, em São Miguel, Açores, Portugal. Emigrou para o Brasil em 13 de junho de 1956, com 15 anos de idade. Veio para São Paulo com carta de chamada dos parentes para todos os membros da família que ainda estavam nos Açores. Entrevista concedida em 06 de março de 2008, na sua Indústria de Peças em São Paulo, na Zona Leste da cidade, onde mora e trabalha.

⁶ Robert Moses foi o engenheiro norte-americano que apresentou, entre outros, o projeto de ampliação das avenidas da cidade e também um dos projetos de criação do metrô de São Paulo, na conjuntura política de Prestes Maia.

que em 1961 vem com características parciais de via expressa: é a Radial Leste.” (MEYER: 24)

O Plano Avenidas articulava o novo conceito de cidade, advindo de novas necessidades da estrutura viária, já que o número de veículos ampliava-se com a modernização dos equipamentos. O sistema viário na cidade a partir das décadas de 50 e 60 ampliava as características das cidades cosmopolitas, cujas necessidades de velocidade e fluxo se tornavam cada vez mais expressivas.

A cidade atravessava novas fases e seus habitantes aguardavam a ampliação do fluxo viário que ocorreria nas próximas décadas. Nos relatórios de gestão da Prefeitura se observava o ritmo acelerado das obras voltadas para o sistema viário.

Os novos bairros que se formavam ao longo das perimetrais e das radiais se inscreviam numa lógica que determinaria posteriormente suas características. Os indivíduos, atores sociais dessa nova cidade, dessas ruas e bairros, foram se construindo e reconstruindo com o passar dos anos. Suas singularidades ora se perdem, ora se expressam nas representações culturais. “O homem perdido no anonimato da multidão se dilui nessa massa informe dos habitantes das grandes cidades, se assemelha a todos, quando o que mais deseja é expressar sua diferença.”(BRESCIANI, 1993:27)

A questão da construção territorial dos açorianos no bairro se evidencia na sua representação cultural e, em termos temporais, na articulação das chegadas na década de 1950, também pelo trabalho no Cotonifício Guilherme Giorgi, tornando-o um dos mais relevantes espaços de interação dos habitantes do bairro antes mesmo de seu posicionamento na cidade. As ruas e os delineamentos urbanos se fizeram com características definidas pelos padrões dos grupos estabelecidos em cada localidade, além das fomatações advindas das políticas públicas daquele momento.

Porque a própria empresa “Guilherme Giorgi” ela tinha essa parte que hoje a gente chama de Jardim Têxtil, eram casinhas da Guilherme Giorgi. Então, o pessoal já vinha normalmente com a casinha alugada. Então, era que nem uma Cooperativa mesmo. Toda essa parte que hoje é o Jardim Têxtil, era da Guilherme Giorgi, eram todas casinhas... Os funcionários vieram prá cá, não tinham onde morar, então, eles se preocuparam com isso. Aí, foi onde teve essa maior concentração aqui no Carrão, em decorrência da fábrica.⁷

⁷ Depoimento da Senhora Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

Na fala de Dona Leonilda se percebe uma visão de como foram sendo constituídas as habitações para os trabalhadores imigrantes que chegavam na cidade nesse período. As visões individuais acerca da construção dos bairros periféricos se estabelecem em conjunto com as imagens criadas pelos artistas, pintores e demais pensadores que, de certa forma, também contaram ou retrataram a formação dos subúrbios da cidade.

Ao longo dos anos, fica nítido que a construção e o desenvolvimento dos bairros paulistanos estiveram condicionados às políticas públicas voltadas para as funções econômicas das regiões, zonas e ruas da cidade. A Zona Leste se desenvolveu a partir de uma concepção industrial, seguindo modelos de enquadramento dos loteamentos massificados da população. Ao longo das décadas de 50, 60, 70 e até a atualidade, se percebe uma relação tênue de modificações, ressaltando por vezes os traços do passado econômico e social da população que habita a localidade.

Mesmo com as muitas inclusões realizadas para a melhoria dos bairros da Zona Leste da cidade, verifica-se que distintos modelos de arquitetura, urbanismo e criação de serviços são observados nos mais variados bairros de toda a São Paulo cosmopolita.

Essas desigualdades já foram definidas no momento de construção da periferia leste, efetivamente quando os bairros surgiram, em conjunturas políticas que, beneficiando a ampliação das vias radiais, previam em orçamento público a criação de bairros com a conotação moradia-trabalho-casa, os quais se inscrevem em loteamentos mais baratos e eficientes na construção das vilas industriais.

Repensar os problemas oriundos dessa construção perpassa também pelo entendimento das identidades imigrantistas que formaram os bairros nas décadas de 1910 a 1990 na região Leste de São Paulo. Embora esse não seja o enfoque deste trabalho, faz-se oportuno registrar a relevância da conotação do território para a criação e posterior desenvolvimento das zonas, vilas, bairros e grupos na cidade.

2. As identificações que tornam possíveis as interlocuções com o turismo cultural

Quando abordada a questão da identificação da região Leste da cidade, fica em princípio a conotação de unanimidade, que, de certa forma, se entremeia entre as peculiaridades e singularidades dos contextos traduzidos nos mais variados contatos

migratórios. Os imigrantes de São Paulo são também inscritos nesse bojo de identificação pela questão da configuração da cidade, que ora é única, ora é multifacetada, permitindo inúmeras interpretações das mais variadas formas de identidades.

Sobre a questão da identificação, pode-se dizer que a diferença faz parte do mesmo processo de constituição e expressão de cada indivíduo. Tanto uma como outra são produtos dos processos sociais e da relação entre o subjetivo e o seu respectivo contexto. O processo de socialização produz tanto a diferenciação como a identificação permanente dos sujeitos.

Há, de certo modo, um direcionamento que favorece o deslocamento dos sujeitos sociais para a inserção de seus territórios, e a delimitação se faz pela identificação local, construída pelo trabalho, pelas relações individuais e coletivas e pela legitimação de pertença desde a chegada no bairro.

Questionada sobre a vida na Vila Carrão, Dona Leonilda fala que não pretende sair do bairro. Além do trabalho durante as festas, já que está entre as líderes da formulação das festividades da Casa dos Açores, também se justifica citando o amor que tem pelo bairro e a formação familiar dentro desse espaço, construído social e culturalmente.

A Vila Carrão, ela cresceu demais. Assim, a gente em termos... Brincava em terrenos baldios, que você tinha um monte de terrenos baldios... A gente tinha uma liberdade imensa de brincar na rua, de jogar bola, hoje em dia, aqui, nossa região mal você consegue andar, sair de carro... Super movimentada, porque surgiu o Jardim Têxtil, que é um bairro totalmente novo. Da Casa dos Açores prá lá, você quase não tinha nada, eram só terrenos, eram chácaras, aqui. Eram açorianos, a maioria deles, eles tinham chácaras, criavam porcos... Tudo aqui... Aqui do lado, era uma chácara de caqui, ainda tem vários pés de caqui... Aqui, na Vila Carrão, a transformação foi enorme... Então, a gente evoluiu demais, Graças a Deus, isso não afetou pra gente a parte da Festa, que a gente tem essa preocupação, né, porque o bairro foi crescendo, crescendo, crescendo...⁸

O encontro de ideias sobre a construção da família, do bairro e da sociabilidade é visto na fala de Dona Leonilda. A questão da identificação com um espaço, identificação essa que surge da relação pessoal com o lugar, de maneira que este

⁸ Depoimento da Senhora Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

adquire, de certa forma, uma ideia de construção individual e coletiva, transforma o olhar que se tem de periferia e de construção social e cultural.

Morar no bairro onde se formaram elos que transpõem a questão econômica é, para algumas famílias, como a de Dona Leonilda, uma forma de garantir a identificação com o espaço e a construção social dos indivíduos. Quando fala sobre a sua inserção no bairro, a depoente menciona que “nada paga o que tem de benefício ali”. Tal asserção revela seu enraizamento e pertencimento com relação a esse local construído social e culturalmente. Afinal, a família toda mora no bairro. Ela nasceu ali, e os filhos, os pais, os amigos, parentes, enfim, toda uma rede de relacionamentos e trocas se inscreve nesse território açoriano.

Tendo participado do processo de formação do bairro e da história da Vila, Dona Leonilda tem um olhar acerca do bairro distinto daquele verificado nas abordagens sobre o fenômeno das migrações dentro da cidade e a constituição de novos valores econômicos nos territórios, em consequência das mudanças oriundas da ascensão econômica de famílias da cidade. Nesse caso, sua construção individual transpõe os conceitos da coletividade, nos quais se observa um panorama distinto da relação com o lugar. “Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com o meio [...]” (HALBWACHS, 1990:51)

Destarte, a memória entendida como coletiva envolve as memórias individuais, mas não interfere ou se confunde com ela, na medida em que “ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura, assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal”. (HALBWACHS, 1990:53)

A ideia de rememorar a construção do bairro no qual se é, ao mesmo tempo, autor de fatos e relator, pois dele também faz parte sua história pessoal, permite notar que a história vivida se apoia na memória criada a partir de seu espaço e de seus relacionamentos interpessoais. Nesse caso, se percebe uma afeição pelo espaço, ligada ao fato de trazer-lhe lembranças de outrora, à própria constituição dos elementos trazidos com os açorianos e ainda ao fato de ser copartícipe das memórias do bairro e dos açorianos.

No caso de Dona Leonilda, sua participação na construção do bairro se reflete na própria configuração hierárquica da Casa dos Açores, na qual ela também atua como protagonista das ações, deliberando acerca dos processos de interculturalidade com os Açores. Uma vez que faz parte da Casa dos Açores e atua como protagonista das ações políticas e administrativas desse território cultural, observa-se que estabeleceu um elo com o lugar que torna inviável a fixação em outros lugares da cidade. Para ela, o lugar é a criação familiar, coletiva e individual de atos e fatos que se perpetuam nas memórias dos açorianos.

Os costumes advindos dos lugares de memória são elementos perceptíveis na Vila. No depoimento de Dona Leonilda, percebe-se que “a memória deve ser uma conquista, comporta contradições e rupturas, está em constante gestação e se reestrutura a cada nova experiência vivida”(MENESES, 1992:304). Assim, suas memórias e suas colocações sobre seu papel no bairro se reinventam à medida que suas experiências vão atuando na própria reinvenção dos costumes do povo açoriano, agora num novo papel, o de protagonista dessa fase.

Em sua fala, menciona que sua história também representa a Casa, ao elaborar e reelaborar o sentido da criação do grupo no bairro e na cidade, pois tanto a memória individual como a coletiva são conquistas de poder. “As sociedades nas quais a memória social é principalmente oral, ou as que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita, permitem melhor compreender esta luta pelo domínio da recordação e da tradição, esta manipulação da memória.”(LE GOFF, 2000:57)

Assim, Dona Leonilda parece reconhecer que a diferença cultural entre os açorianos e os demais imigrantes estabelecidos no bairro e suas adjacências permite uma criação e uma recriação de suas identidades⁹ e formas de manter seus sistemas simbólicos, ou transformá-los frente às adversidades e à própria dinâmica cultural.

Essa questão da identificação se verifica no comportamento da comunidade, que, aliada à questão do tempo na história da cidade, também direciona a formação de uma

⁹ Identidades aqui podem ser discutidas a partir da questão de reinvenção, considerando as fronteiras entre grupos culturais. “A cultura pós-colonial introduz de modo explícito a política da identidade e da construção histórica: ela está consciente da impossibilidade de se traçar de modo claro e distinto as fronteiras entre grupos culturais – e aposta na reinvenção das culturas, para além da homogeneização da globalização e da hipostasiação do fundamentalismo. Ela nega a tutela do princípio de mimesis – entendido como a imitação servil da cultura da metrópole – como mecanismo central na ‘formação’ da cultura e desenvolve um pensamento profundamente antimimético e, portanto, anti-representacionista baseado na recriação constante dos discursos identitários.” SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O Local da Diferença: Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005. p.206.

cultura que transpõe a questão temporal. Os atores sociais dessa história participam ativamente da remodelação e dos cuidados de renovar os traços do povo açoriano, mesmo que transformado em circunstâncias globais.

Os espaços criados pelos açorianos são, ao mesmo tempo, formas de manter a cultura de seus antepassados e formas de legitimar suas identificações. Alguns são protagonistas da história da imigração, pois ingressaram na cidade lá pelos idos de 1950; outros, como Dona Leonilda, são a geração que mantém o elo com o passado nas ilhas sem mesmo conhecê-las, apenas pelo fato que querem transferir aos seus sucessores a identidade advinda dos Açores. Como territórios culturais¹⁰, os espaços vão se caracterizando mediante elos com os espaços anteriormente cristalizados, com outra roupagem, mas com traços de uma cultura que, de certa forma, mantém tradições arraigadas em seus comportamentos, hábitos e costumes cotidianos.

A atividade turística tem sido difundida sob diversos segmentos e perspectivas que, a cada momento acaba por refazer seus posicionamentos. O turismo cultural vem sendo debatido sob diversas vertentes que acabam mobilizando novos olhares de profissionais também de diversas áreas.

Antes de se pensar em turismo cultural, deve-se em primeiro lugar valorizar o passado, pois, na cultura estão envolvidas as perspectivas do passado, da memória e da história dos povos. Assim, pode-se dizer que, a simbologia do passado se resume nos valores dados aos objetos materiais e às sensações imateriais, tendo ao mesmo tempo uma visibilidade tangível e intangível dos bens e demais sensibilidades.

[...] nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contém e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes. (HALL, 2000:37-38)

¹⁰ “A concepção do espaço apresenta-se umbilicalmente ligada à concepção de tempo. A transformação de um implica imediato ajuste do outro. Compreender o espaço passa, sem a menor sombra de dúvida por compreender o tempo, sendo que o âmbito desta afirmação não se alinha simplesmente com as preocupações dos físicos a respeito da natureza destas importantes grandezas físicas. Tratamos o espaço como uma forma de manifestação da cultura. Sendo assim, transformações nas estruturas culturais provocadas pela evolução do conhecimento ou, melhor dizendo, da cultura (como no caso do tempo), implicam transformações no modo de ocupação do espaço. Dessa forma, espaço e tempo apresentam-se como fundamentais indissociáveis textos culturais.” SILVA, Maurício Ribeiro da. *Espaço e Cultura: uma leitura semiótica da cidade*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), PUC-SP, São Paulo, 2000. p.47-8.

A idéia de formular questionamentos acerca das relações entre identidade cultural e o desenvolvimento turístico pode ser trabalhada sob o aspecto da "continuidade do passado". Para elucidar tais relações, podem-se definir quais são os elementos de maior relevância na composição da identidade cultural. Assim, torna-se importante apontar os conceitos de identidade e cultura separadamente. Alguns autores utilizam as definições de maneira separada para contextualizar elementos da cultura material e imaterial.

A cultura é melhor vista não como complexos de padrões concretos de comportamento - costumes, usos, tradições, feixes de hábitos- , como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle - planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam de "programas") - para governar o comportamento. (GEERTZ, 1989: 56)

O que se percebe sobre o conceito de cultura é a alteração nos padrões concretos de comportamento do homem, nos quais a dinâmica cultural abriu caminhos para mecanismos de controle para direcionar, reger e controlar, de certa maneira, o homem em seu meio social. “O homem é precisamente o animal mais desesperadamente dependente de tais mecanismos de controle, extragenéticos, fora da pele, de tais programas culturais, para ordenar seu comportamento.” (LARAIA, 1986:25)

Considerando que o turismo cultural ainda recebe muita resistência, particularmente será pensado sob a perspectiva da identidade cultural no sentido da apropriação da cultura pelo turismo, considerando os elementos materiais e imateriais.

A importância dos objetos materiais para a cultura é indiscutível, porém, cabe ressaltar que tais objetos encerram além do trabalho manual, o simbolismo de preservar por gerações a arte do "saber- fazer", de manter, de expressar figurativamente a memória de pessoas, objetos e lugares. (PIRES, 2001:67) A relevância dos objetos materiais se fundamenta em considerações de crença em que o homem com sua propensão para criar símbolos, transformam inconscientemente os objetos em símbolos, dotando-os, de grande importância psicológica.

Identidade cultural pode ser considerada como o conjunto de caracteres próprios e exclusivos de um corpo de conhecimentos, seus elementos individualizadores e identificadores, enfim, o conjunto de traços psicológicos, o modo de ser, de sentir e de agir de um grupo, que se reflete nas ações e na cultura material. (PIRES, 2001: 102)

O desenvolvimento turístico de uma localidade que possui símbolos refletidos na sua cultura material ou imaterial parece delimitar o fator de motivação da demanda por meio de tais recursos. Dos recursos mais relevantes percebe-se uma identificação com tradições, crenças e valores de cada raça, etnia, ou qualquer fator de diferenciação, que corresponda à idéia de alteridade.

O que parece chamar a atenção dos turistas é o que o difere do outro. Pelas diferenças buscam-se as diversas identidades alocadas em crenças e valores, diferenciados por meio da cultura material e imaterial.

Ao que tudo indica o posicionamento a respeito da “banalização” de uma cultura e a sua respectiva preservação dependem do processo político e econômico a que está ligada.

Reconhece-se que a recuperação da memória coletiva, mesmo que seja para reproduzir a cultura local para os turistas, leva, numa etapa posterior, inexoravelmente à recuperação da cor local e, num ciclo de realimentação, a uma procura por recuperar cada vez mais esse passado. (PIRES, 2001: 47)

Nesta perspectiva, o que se observa é o interesse dos turistas no que tange aos atrativos apropriados pelos elementos da cultura tida como “diferencial”. A manutenção e conservação destes elementos são cruciais para o turismo e para a própria comunidade em manter suas peculiaridades e singularidades.

A manutenção das identidades é fator importante para atrair a atenção dos turistas não predadores, visto que estes buscam na diversidade e na especificidade cultural os elementos para o seu lazer. Conhecer um pouco dos aspectos culturais dos habitantes da cidade pode ser considerado atualmente, um dos principais motivos de visitação turística.

Conhecer os açorianos e suas festas, religiosidade, tradições, a própria construção sociocultural do espaço tornou-se parte do calendário festivo da cidade, isso mostra a caracterização do diferencial possível para a representação cultural do espaço e porque não do turismo cultural. A imigração e as raízes culturais tanto na gastronomia, quanto nas festividades quanto na fé e devoção acabaram sendo fomentos motivacionais para turistas do Brasil e do mundo, especialmente aqueles que buscam nos açorianos alguma espécie de retorno às origens, mas esse já é outro tema a ser explorado.

Referências Bibliográficas

- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Empreendedores Culturais Imigrantes em São Paulo de 1950. *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP. Vol.17, n.1. São Paulo, 2005.
- BHABHA, Homik. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BLAY, Eva Alterman. *Eu Não tenho onde morar: Vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1995.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. Nas Ruas, os Caminhos da Cidade. *Cadernos de História de São Paulo*. n.2. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, jan.-dez, 1993.
- FREITAS, Sônia Maria de. *Presença Portuguesa em São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, Memorial do Imigrante, 2006.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1990.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- HOBBSBAWN, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.
- LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Vol.II - Memória. Lisboa: Edições 70, 2000.
- LOVE, Joseph. *A locomotiva: São Paulo na Federação Brasileira - 1889-1937*. São Paulo: Paz e Terra, 1982.
- MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra de. A História cativa da memória? Para um mapeamento da memória no campo das Ciências Sociais. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. n.34. São Paulo, 1992.
- MEYER, Regina Maria Proserpi. *O Papel da Rua na Urbanização Paulistana*. Cadernos de História de São Paulo. n.2. São Paulo: Museu Paulista da Universidade de São Paulo, jan.-dez, 1993.
- PIRES, Mário Jorge. *Lazer e Turismo Cultural*. São Paulo: Manole, 2001.
- RODRIGUES, Angela Rösch. *Cidade e Indústria: estudo sobre a relação dos processos de urbanização e industrialização na cidade de São Paulo*. Anais do II Encontro Nacional sobre Patrimônio Industrial. São Paulo: Belas Artes, 2009.
- ROLNIK, Raquel. *História Urbana: História da Cidade?* In: Fernandes, Ana; Gomes, Marco Aurélio (Orgs.). *Cidade & História - modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1992.
- ROLNIK, Raquel; Frúgoli Jr, Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. *Cadernos Metrópole*. n.6, 2º sem. Observatório das Metrópoles, 2001.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O Local da Diferença: Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2005.
- SILVA, Maurício Ribeiro da. *Espaço e Cultura: uma leitura semiótica da cidade*. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica), PUC-SP, São Paulo, 2000.

Referencias Eletrônicas

MATOS, Maria Izilda Santos de (2001). *A Cidade que mais cresce no mundo: São Paulo Território de Adoniran Barbosa. São Paulo em Perspectiva*. Vol.15, n.3. São Paulo, jul./set. pág.50. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a08v15n3.pdf>>.

SÃO PAULO 450 ANOS. *A história dos marcos da cidade*. Bairros Operários. Disponível em: <http://www.aprenda450anos.com.br/450anos/vila_metropole/2-3_bairros_operarios.asp>. Acesso em: 01/06/2010.

Entrevistas

Depoimento da Senhora Leonilda dos Reis Jacob, em entrevista concedida em 27 de junho de 2009, na Casa dos Açores de São Paulo.

Manuel de Medeiros nasceu em 12 de novembro de 1941, em São Miguel, Açores, Portugal. Emigrou para o Brasil em 13 de junho de 1956, com 15 anos de idade. Veio para São Paulo com carta de chamada dos parentes para todos os membros da família que ainda estavam nos Açores. Entrevista concedida em 06 de março de 2008, na sua Indústria de Peças em São Paulo, na Zona Leste da cidade, onde mora e trabalha.